



PRÁTICAS POLÍTICO DISCURSIVAS NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA: A POSIÇÃO SUJEITO NAS ENUNCIÇÕES CARTELISTAS

Neuzer Helena Munhoz Bavaresco¹

Susan Mary dos Reis²

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a discutir a posição-sujeito no discurso de divulgação política da Guerra Civil Espanhola. A Guerra Civil Espanhola foi um conflito bélico deflagrado após um fracassado golpe de Estado de um setor do exército contra o governo legal e democrático da Segunda República Espanhola. A guerra civil teve início após um pronunciamento dos militares rebeldes, entre 17 e 18 de julho de 1936, e terminou em 1º de abril de 1939, com a vitória dos rebeldes e a instauração de um regime ditatorial de caráter fascista, liderado pelo general Francisco Franco. A história da guerra civil que assolou a Espanha na década de trinta foi marcada pelo intenso recurso à propaganda política de ambos os lados do conflito. Na primeira metade do século vinte, os grandes acontecimentos históricos tais como a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, as ditaduras nazifascistas e a Segunda Guerra Mundial não prescindiram da propaganda durante o curso dos acontecimentos. Na Espanha deflagrada não foi diferente e a propaganda foi feita em todo o lugar: na imprensa, nas artes, no teatro, nos cartazes e panfletos, e pela primeira vez no rádio.

Nossa questão norteadora, portanto, é verificar como o sujeito é constituído em um determinado processo histórico-social. Para tanto, analisamos, sob a perspectiva da Teoria da Análise do Discurso, mais especificamente a partir das noções de língua, ideologia e sujeito, a posição-presente no discurso. Apresentamos no início alguns conceitos fundamentais desta teoria preconizada por Michel Pêcheux na França e por Eni Orlandi, no Brasil, procurando aproximá-los do nosso objeto de estudo, os cartazes publicados durante a Guerra Civil Espanhola pelo partido republicano.

Enfoco, no presente artigo, o modo como o sujeito de esquerda se subjetiva no discurso antifascista, movimentando-se entre a inscrição num determinado lugar discursivo e o intrincamento de diferentes posições-sujeito, já que, ao produzir textos imagéticos (cartazes) em defesa da liberdade, trabalho e pão para todos, intensifica o enfrentamento ideológico³ e produz novas relações de alianças, antagonismos e contradições. Assim, apresentamos, no próximo item, os procedimentos metodológicos, bem como uma breve análise do *corpus* elegido para este trabalho.

¹ Mestranda em Letras pela UPF, especialista em Ensino Aprendizagem de Língua Espanhola, pela mesma instituição. Professora de Língua Espanhola.

² Susan Mary dos Reis é Mestra pela universidade de Passo Fundo – UPF -, e professora em Ead na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³Vale lembrar, esse enfrentamento deixa de ser um acontecimento puramente espanhol e se torna uma correlação de força no/fora do país, pois, de um lado, encontram-se nazismo, fascismo, conjuntamente com a Igreja, Latifúndio, Exército, e, de outro lado, solidarizam-se à Frente Popular que formava o Governo Republicano, sindicatos, partidos de esquerda e os partidários da democracia.

1. OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

No percurso da análise que realizamos, o verbal e não-verbal se (con)fundem, formando uma estrutura significante de memória, onde se intersectam diferentes materialidades. Selecionamos um recorte buscando compreender as relações significativas entre na relação língua-história. Sobre essa construção de diferentes materialidades, de forma a haver um processo discursivo, tomamos como pressupostos teóricos da Análise do Discurso, como formação discursiva e ideológica e a posição-sujeito, conceitos esses essenciais para nosso gesto de interpretação.

O *corpus* – texto imagético -, que constitui a análise é composto por um cartaz⁴ que foram publicados durante a Guerra Civil Espanhola, pelo Partido Republicano. A escolha se deu, pois este partido produziu muito mais por esse meio – cartazes- do que o Partido Nacional de Francisco Franco. Esses cartazes, que compõem o nosso recorte discursivo, foram escolhidos por sua difusão, reconhecimento artístico e embate ideológico encontrados neste material. Optou-se por não manter o cartaz no corpo do trabalho.

O discurso político sempre ocupou um lugar privilegiado na AD, desde o surgimento da disciplina, no qual era objeto específico, como também nas fases seguintes, nas quais divide o interesse dos analistas com outros tipos de discursos. E é dele que partimos para o primeiro passo deste trabalho ao analisar o cartaz da Guerra Civil Espanhola, onde explicitamos a nossa interpretação dos pressupostos que produzem sentidos e caracterizam o discurso como político bem como a posição sujeito presente nestes cartazes.

1.1 Análise

O cartaz 1 de nosso recorte, foi realizado pelo artista Emeterio Melendreras, filiado ao Sindicato de Profissionais de Belas Artes de Madri. A atividade cultural do Ministerio de Instruccion Publica não tinha sido expressiva nos dois primeiros meses de conflito, por isso outros grupos como a Alianza de Intelectuales, comandada por Jesus Hernandez, tomou a dianteira das produções culturais e como afirma Monllor, (2011, p.24) “a Aliança era uma seção da Aliança Internacional de Escritores antifascistas, fundadas em 1934 por um grupo de intelectuais que assistiam ao I Congresso de Escritores Soviéticos”.

Dito isso, fica clara a relação da bandeira vermelha soviética presente no cartaz e apesar da maioria dos participantes serem do PCE – Partido Comunista Espanhol -, a Aliança possuía um caráter de frente popular. As ideias de Jesus Hernandez, comunista que havia assumido o Ministério eram muito próximas das ideias de Lênin para a arte por isso a política oficial de propaganda, em boa parte, se influenciou pelas práticas ocorridas na União Soviética.

⁴ O cartaz está disponível para visualização em: < <http://www.ugt.es/ugtpordentro/guerracivil/carteles.htm> >
Acesso em: 10 out 2012.



Este cartaz extremamente popular entre os demais sobre a Guerra Civil Espanhola ficou muito conhecido pela expressão de união entre as várias bandeiras por um mesmo ideal, ideal este que podemos interpretar como sendo um método para combater o fascismo personificado no bando sublevado.

Nele, observa-se um soldado anônimo repleto de bandeiras. Essas dos aliados da Segunda República Espanhola que personificam a frase “todas las milicias fundidas en el ejército popular”, que interpretamos como um movimento de convencimento ao passo que se este partido possui tantos aliados é mais forte e reforça a ilusão de que “a união faz a força”, propondo a união do leitor a esta causa.

Essa frase está escrita em azul exceto a palavra “ejército”. O tamanho das letras também difere sendo que a parte que fala “todas las milicias fundidas en el” possui uma fonte menor, a palavra “ejército” fonte maior e ainda, a palavra “popular” uma fonte maior que todas já apresentadas, o que ressalta a palavra “popular” reforçando uma ideia de partido do povo, feito por esse e apoiado por esse. Do mesmo modo, a palavra “ejército”

As cores do cartaz são muito vivas, entrelaçando as cores da bandeira nacional, vermelho e amarelo com a de seus muitos aliados, como a Rússia Socialista que possui uma bandeira vermelha, confirmando o sentido de união não somente de forças, mas também de ideologias entre o PCE e a União Soviética.

O soldado demonstra a hierarquia militar, de um exército que acabava de se formar, o Exército da República. Este partido tinha interesse em demonstrar a sua força e organização política em contrapartida ao “exército dos rebeldes” como era chamado o partido de Francisco Franco formado pelo exército, o clero e o novo partido surgido do decreto de unificação de 1937 que iam uniformizar rigidamente a informação e a propaganda no lado nacional, cujo modelo propagandístico foi buscado na Itália mussoliniana e na Alemanha hitleriana.

Verifica-se um silenciamento e certa resistência, ou seja, um silenciamento de saberes que foram interditados pela censura e que acabam por significar de outro modo. “Onde há censura, há resistência, há migração dos sentidos para outros objetos simbólicos.” (ORLANDI, 2002, p.62). Existe o apagamento de certos sentidos que negam ao sujeito processos de identificação pela linguagem e pela história. Ou seja, impede que o político se textualize não só no discurso político, mas no discurso social.

O enunciado, com todas as palavras escritas em azul, exceto a palavra “ejército”, escrita em negro, denota o intuito de apagar ou destacar a palavra exército que vem carregada de ideias negativas, como sofrimento, dor e morte. Dessa maneira visualmente, a palavra “popular”, maior e mais clara, entra em contraste com esta em negro, demonstrando o interesse em aproximar o partido republicano com o povo a fim de criar um laço ideológico. Como o partido republicano era visto como aristocrata já que possuía pessoas influentes na política e o apoio da classe burguesa, a propaganda salientando o lado popular se faz fundamental para atrair a todas as classes.

Assim como visto anteriormente, aparece novamente a FD militar em que se verifica um silenciamento de resistência, ou seja, um silenciamento de saberes que foram interditados pela censura e que acabam por significar de outro modo. A partir de determinadas condições de produção e de acordo com a formação discursiva do sujeito que fala. Está, sujeita a deslizamentos, a efeitos de sentido e a gestos de interpretação.

Pêcheux (1997) afirma que todo processo discursivo é constituído por formações imaginárias que representam “o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p.82). Essa maneira de reconhecer a si próprio e ao outro pode ser considerada como um jogo de imagens de um discurso. Daí um discurso não implicar uma mera troca de informações entre A e B, mas sim um jogo de “efeitos de sentido” entre sujeitos, neste caso o sujeito enunciador e o sujeito leitor.

Do quadro das formações imaginárias, tal como formulado por Pêcheux (1997), podemos depreender, no cartaz do soldado, ao menos três imagens, a do soldado no campo de batalha; a do cidadão comum e a do soldado aliado. Estas três posições que o sujeito enunciador criou foi para que o sujeito leitor se identificasse com o cartaz de qualquer posição que ele ocupasse: na linha de frente da batalha, no centro de Madrid ou mesmo do outro lado das fronteiras espanholas, na Rússia por exemplo.

Ao fazermos o exame das marcas linguísticas indicativas das formações imaginárias, das várias maneiras pelas quais o sujeito pode se encontrar representado discursivamente, destacamos as marcas de personalidade. É importante frisar que as marcas não são transparentes, tampouco mantêm relação direta com o discurso. Elas são opacas, funcionando como pista para se chegar ao sujeito enunciador, estando essa posição dentro das formações imaginárias.

Nos cartazes analisados, identificamos que o enunciador se inscreve por meio das pessoas discursivas: a. 3ª pessoa do plural e b. 3ª pessoa do singular. Os cartazes utilizam a 3ª pessoa do plural quando utilizam “las milícias”, “luchan” e “fundidas”. Por outro lado a 3ª pessoa do singular, atualizada pelos itens lexicais, “ejército”, “fascismo”, “ignorancia” e “cultura” desempenha o papel de quarta pessoa discursiva. Considerando estas marcas destacadas, perguntamos: quais efeitos são produzidos ao utilizar estas formas de representação?

Nos termos de Indursky, a quarta pessoa discursiva (um efeito-sujeito) ocorre quando a 3ª pessoa é usada no lugar do eu, simulando um apagamento do sujeito, ou melhor, simulando sua ausência na materialidade linguística. Desta forma, “a substituição de eu ou nós por ele ou se, simula o não preenchimento da forma-sujeito, sendo esta mais uma das formas com que o sujeito do discurso relaciona-se com a forma-sujeito que o constitui em seu sujeito de seu discurso” (INDURSKY, 1997, p. 78). Cada uma das representações (ejército, fascismo, ignorancia e cultura) constrói referências discursivas distintas e produz efeitos de sentidos diferentes.

Cumprido destacar que na forma de representação da quarta pessoa discursiva, o sujeito se apresenta como outro, simulando, ao mesmo tempo, seu apagamento e o esvaziamento da forma-



sujeito. Segundo Indursky (1997), esse esvaziamento produz efeitos de indeterminação do sujeito, de estancamento, de reversibilidade com o outro e de “movimento dêitico discursivo”, que consiste em colocar em evidência a forma construída como vazia.

Desse modo, o Partido Republicano, produtor dos cartazes, está apagado, simulando uma indeterminação do sujeito que produz o discurso despertando no leitor uma identificação com o que está sendo dito sem muita relação com quem está dizendo aquilo e com qual finalidade. Os itens lexicais deste cartaz, em posição de agentes das ações, produzem a impessoalização do discurso. Há a simulação de renúncia do dizer do sujeito, como se o cartaz falasse por si só. O uso de tais itens lexicais indica um afastamento da interlocução e, por conseguinte, o papel do enunciador é visto à distância. Podemos dizer que o cartaz passa a “assumir o papel” do enunciador, e ainda o do próprio partido.

O sujeito dá lugar à referência externa, “las milícias”, que é incorporada ao discurso, ao fazer isso acaba com a reversibilidade desse discurso, constituindo um discurso que tende ao autoritário. De acordo com a definição de discurso autoritário, elaborada por Orlandi (2003), a posição-sujeito de inserção da voz das milícias anula a possibilidade da reversibilidade, muito embora sua ilusão (de reversibilidade) sustente esse discurso. O enunciador esvazia sua posição simulando a fala das milícias, o pensamento e posição ideológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso nos permite percorrer leituras e interpretar sentidos por muitos inimagináveis, porém nem todas as interpretações foram feitas neste trabalho, pois como afirma Orlandi a AD se apresenta como uma “teoria de interpretação” onde os sentidos são uma questão aberta assim como a interpretação.

Dito isso nossa questão inicial era entender como as posições-sujeito se inscrevem no discurso presente nos cartazes da Guerra Civil Espanhola para produzir diferentes sentidos. Porque como afirma Pêcheux, embora os efeitos de sentido se realizem no sujeito através da relação que se estabelece entre enunciação e enunciado, eles não têm origem no sujeito e sim, “em referência às formações ideológicas nas quais as posições-sujeito se inscrevem”. (1995, p.160). O corpus da nossa análise foram dois cartazes publicados na Guerra Civil Espanhol, que foi um conflito que ocorreu de 1936 a 1939, pelo Partido Republicano em 1937.

Em um primeiro momento discutimos a linguagem e seu funcionamento assim como as concepções de discurso e língua. Neste momento exploramos os conceitos, presente na teoria de Análise do Discurso de origem francesa, de formações discursivas e ideológicas, a formação da subjetividade do sujeito através do interpelamento ideológico e os constituintes do discurso político.

Nesta análise contextualizamos o leitor acerca do período histórico escolhido, devido à conhecida importância do contexto, pois como afirma Schons (2006, p. 265). “a interlocução não



ocorre somente entre os sujeitos do discurso, mas entre as condições históricas também”. Neste capítulo expomos os principais acontecimentos políticos e militares do conflito e o papel do cartaz de divulgação política para a época.

Consideramos que os conceitos de sujeito, ideologia e história, explorados pelo viés da AD, nos permitiu desvendar sentidos ocultos e deslocamentos do sujeito, como também nos permitiu interpretar sobre o caráter do sujeito enunciador, que em momentos se apaga do discurso para mudar de posição e levar o sujeito leitor a acreditar que está se posicionando de maneira própria.

As análises apontam a materialidade histórico-discursiva que carregam as imagens, bem como a memória que lhe é constitutiva. E, no caso dos enunciados, eles também estão presentes com o intuito de atrair determinado cidadão. Sendo assim, é impossível separar as imagens dos enunciados e produzir os mesmos efeitos de sentidos. De fato, a ideologia e o inconsciente determinam a construção do sujeito e isto se revela na escrita e no imagético.

As imagens também produzem sentidos, elas significam juntamente com os enunciados. O fato que nos chama a atenção é que nem sempre os enunciados e as imagens produzem os mesmos efeitos de sentido. É como se os enunciados fossem remeter a outros sentidos diferentes do que somente a leitura das imagens por si só permite compreender. Portanto, o sujeito enuncia de acordo com as tomadas de posição e não tem o controle sobre os efeitos de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INDURSKY, Freda. A fala dos quartéis e as outras vozes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

MONLLOR, Leonardo Vigolo. Una línea de guerra de las trincheras a la retaguardia: o enquadramento das milicias na Guerra Civil Espanhola na perspectiva da propaganda cartazista (1936 – 1939). 2011. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: < www.lume.ufrgs.br/bitstream/.../000819354.pdf?...1 > Acesso em: 12 set. 2012.

ORLANDI, Eni P. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002

_____. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003. 218 p.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1997.

SCHONS, Carme Regina. Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. "Adoráveis" revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República. 2006. 283 p; Tese (Doutorado em Letras) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.